

MUITOS TÊM MANIA DE DAR PALPITES

Eles não se controlam e discutem o tratamento com os colegas

O psiquiatra Táki Cordás, 35 anos, médico do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, pai de duas filhas, diz que não tem médico fixo para se tratar e reconhece que pratica “terapia de corredor”. Quando tem algum mal-estar, automedica-se ou procura informar-se sobre o problema pelos corredores da USP ou do Hospital das Clínicas. “Sei que estou errado, mas me acostumei assim”, explica-se. “Encontro um médico que acho que pode me ajudar e pergunto meio por cima sobre como me tratar.”

Caso a história se complique —

como já aconteceu três ou quatro vezes — Cordás procura um especialista. “Lembro-me de uma vez que tive uma lesão no rim e outra em que estava com pneumonia. Aí fui no médico certo, mas não sem antes ter tentado me tratar”, conta. De psiquiatras, assegura que nunca precisou. Mas ele garante que essa é uma especialidade da qual os colegas costumam fugir.

“Trabalho com depressão e ansiedade e tenho muitos clientes médicos. Mas sei que é uma imensa dificuldade para eles me procurarem”, reconhece. “A maioria, quando tem um problema dessa

natureza, automedica-se com tranqüilizantes — que não são tratamento para nada.”

O cirurgião Silvano Raia, 62 anos, seis filhos, papa dos transplantes de fígado no País, acredita que o relacionamento médico—paciente deva independer da profissão do doente. “Quem está se tratando, para obter os melhores resultados, deve se despir de suas idéias e acatar a do outro”, ensina. Na sua opinião, todo doente que tem dois médicos não tem médico nenhum, mesmo que um deles seja ele próprio. “Trato meus pacientes médicos assim, como se só eu

fosse o doutor.”

Mas que não pense o médico que se trata com Silvano Raia que ele age desta forma quando é sua vez de ser o paciente. “Não consigo me despir do que a profissão e a minha personalidade sedimentaram no meu jeito de agir”, garante. Em duas ocasiões marcantes teve de recorrer a um colega especialista.

“Senti dores no peito, corri ao Instituto do Coração e eu mesmo me indiquei o exame que deveria fazer. No caso, minha experiência clínica influiu na minha experiência como paciente”, reconhece.